

IMIGRANTES DO BRASIL



MEU AVÔ ÁRABE

Maísa Zakzuk

Ilustrações

Lúcia Brandão



© Maisa Zakzuk

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Projeto Gráfico
A+ Comunicação

Diretora comercial
Patty Pachas

Diagramação
Kiki Millan

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Preparação
Fernanda Duarte

Assistentes editoriais
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza
Ana Luiza Candido

Revisão
Carmen Teresa Simões da Costa
Leticia Vendrame

Assistentes de arte
Alex Yamaki
Daniel Argento

Impressão
Corprint

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Zakzuk, Maisa, 1968-
Meu avô árabe/ Maisa Zakzuk; [ilustrações Lúcia Brandão]. – São
Paulo: Panda Books, 2012. 44 pp.: il. (Imigrantes do Brasil)

Contém apêndice informativo
ISBN 978-85-7888-240-2

1. Literatura infantojuvenil 2. Família. I. Brandão, Lúcia. II. Título.

12-4825

CDD: 028.5
CDU: 087.5

2012

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

Visite também nossa página no Facebook.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Este livro é para o Antonio
continuar a história dos Zakzuk.

AS HISTÓRIAS DO VOVÔ

– Jido! Jido! Olha eu aqui! – eu acenava com a mão para o alto assim que passava pelo portão de ferro da escola.

Logo que batia o sinal, eu era a primeira a sair da classe. De longe, eu reconhecia meu avô pela careca. Quando me via, ele dava um jeitinho de ir empurrando os pais, as mães e as babás para me abraçar. Fazia a maior festa. Toda quarta-feira, vovô e vovó jantavam com a gente. Vovô ia a pé me buscar na escola, que ficava a duas quadras de casa.

Ele tinha uma maneira toda especial para me receber: ajoelhava-se e abria os braços. Uma vez, ao cumprimentá-lo, o abraço foi tão forte que quase fomos os dois para o chão. Ele primeiro me dava um beijo na testa e, depois, me entregava um pacotinho.

– Oba! Você trouxe *cáqui*! – eu gritava contente por ganhar o pãozinho em forma de rosca cheio de gergelim por cima.

No caminho de volta para casa, Jido fazia de tudo para me ensinar as canções árabes que ele havia aprendido na infância. Eu achava aquilo tudo muito engraçado, mas o que eu queria mesmo era chegar em casa e brincar com minhas panelinhas. O Jido inventava as receitas e eu fazia de conta que estava colocando a mão na massa.





Ah, você está achando o nome do meu avô meio esquisito? Bem, Jido não é o nome dele, não. *Jido* é avô em árabe e, desde muito pequena, eu o chamo assim. O nome verdadeiro dele é Amin. Ele nasceu muito longe do Brasil, em uma cidade que tem o nome de uma fruta que eu adoro: Damasco. Essa cidade é a capital de um país chamado Síria. É como pão sírio, aquele achatadinho que se usa para fazer o sanduíche beirute. Aliás, Beirute é o nome da capital do Líbano, um país árabe.

Uma vez, quando fui dormir na casa do Jido, pedi para ele me falar sobre a Síria. Como ainda não existia computador naquela época, o Jido arrumou uma escadinha de três degraus e pegou um volume da velha *Enciclopédia Conhecer*, que ele guardava na última prateleira da estante da sala de jantar.

Ele leu para mim: “A Síria é um dos 22 países que pertencem ao chamado Mundo Árabe. Os habitantes desses países falam a língua árabe e se distribuem por dois continentes: Ásia e África. Nem todos têm a mesma religião”.

Naquele dia, senti que o Jido ficou muito orgulhoso de mim. Sei lá, pode ter sido só impressão, mas ele adorava quando eu pedia para ele contar suas histórias. Eu ficava interrompendo o tempo todo, fazendo um monte de perguntas. Culpa dele! Um dos conselhos que o Jido me dava era “para ganhar conhecimento, é preciso saber perguntar”.

“Só assim você descobre os fatos!”, garantia Jido. “Não se conforme com apenas uma pergunta. Faça, no mínimo,



A stylized illustration of a woman with a large, thick, red, patterned hair curl that loops around her head and extends down the right side of the page. She has a joyful expression, rosy cheeks, and is wearing a white short-sleeved top with red polka dots and a long, flowing red skirt with a white scalloped hem. She is standing on a blue, textured ground. To her left, a small grey dog is visible. The background is white, with a vertical strip of colorful, abstract patterns on the far right edge. In the top left corner, there are some faint, colorful shapes and a hand holding a pen, suggesting a creative or artistic setting.

cinco sobre o mesmo tema! Mas não pode ser uma pergunta qualquer... pense muito bem antes de fazê-las.”

Aí, ele soltava um de seus clássicos provérbios árabes: “Não gaste duas palavras se uma única basta”.

Carrego esses conselhos comigo até hoje. De tanto perguntar, fui descobrindo fatos interessantes e curiosos sobre a história da nossa família. Muitas dessas histórias estão registradas num diário que guardo na minha escrivaninha. Quem sabe, um dia, essas anotações não se transformem num livro dedicado ao Jido? Até pensei num nome: *As cinco perguntas*.